

A beleza no uso

Sobre as coisas que guardamos e as vidas que deixamos que tenham.

A Revista da Casa · Edição de estúdio

Escrita original de estúdio criada para este site. Estas obras são conceitos criativos, não trechos dos manuscritos de Ori Peretz nem declarações atribuídas a colaboradores externos.

Arquivo gerado (UTC): 2026-09-08T06:53:44Z

Esta é a data de geração do arquivo, não uma data de publicação do livro.

Um livro pode ser admirado do outro lado de uma sala. Também pode ser levado em um trem noturno, aberto ao lado de uma tigela de sopa ou emprestado a alguém que o devolva com outra compreensão do final. São encontros diferentes com o mesmo objeto. Esta primeira edição de estúdio pergunta para que queremos que algo belo sobreviva.

A pergunta começa em uma oficina de reparos. Uma luminária foi retirada da sala pública que iluminava, e quem a restaura precisa decidir o que um reparo fiel preservaria. Em seguida, dois ensaios defendem posições opostas: um propõe aceitar as marcas do uso; o outro, manter certos objetos fora de circulação. Nenhum representa a opinião de um colaborador externo. Ambos são argumentos originais de estúdio, escritos para tornar a divergência digna de consideração.

Leia primeiro o conto ou comece pela posição que tem menos disposição a aceitar. A edição de bolso contém o conto completo; a edição da revista inclui esta introdução e os dois contrapontos. Nenhuma afirmação sobre um livro concluído, uma instituição real ou um acontecimento histórico depende desta ficção.

Uma luz para a sala de baixo

Escrita original de estúdio criada para este site. Estas obras são conceitos criativos, não trechos dos manuscritos de Ori Peretz nem declarações atribuídas a colaboradores externos.

A luminária chegou em um caixote alto o bastante para uma pessoa. Nera ajudou o motorista a passá-la pela porta da oficina, depois ficou olhando enquanto ele recolhia as lascas da soleira. Sob a palha havia uma haste de bronze, três braços curvos e uma cúpula montada com pedaços estreitos de vidro âmbar. Alguém havia amarrado uma etiqueta numerada ao seu pescoço. O cordão era novo; a luminária era velha havia muito tempo.

A casa de leilões a queria pronta até sexta-feira. Limpar o metal, substituir o vidro danificado, retirar os restos de um aviso de papel da base. A folha de instruções a descrevia como uma luminária decorativa de um espaço municipal. Nera conhecia a sala. Tinha estudado ali no inverno em que o aquecimento do seu apartamento parou de funcionar. Na hora de fechar, o responsável passava de mesa em mesa com uma régua de madeira, dando uma batida ao lado do livro de cada leitor.

A sala de leitura havia fechado em março. Uma placa atravessada nas portas anunciava melhorias sem dizer quais. Por uma fresta, Nera vira as mesas compridas empilhadas de lado. Agora uma das luminárias estava em sua bancada. Sem a sala ao redor, o objeto parecia quase constrangedoramente elaborado. Folhas de louro subiam pela haste. Uma pequena mariposa de bronze repousava sob a cúpula, escondida de quem estivesse em pé. Ela havia se sentado sob aquela luz durante meses sem saber.

O vidro quebrado estava na parte de trás. Uma ramificação fina de rachaduras partia de um parafuso, mantida unida por uma película de adesivo amarelado. O remendo abaixo fora feito com vidro comum de janela. Na bancada parecia grosseiro. Mas, quando ela colocou uma luz dentro da cúpula, aquele pequeno remendo transparente projetou um retângulo nítido sobre a madeira. As peças de âmbar suavizavam todo o resto. Alguém havia consertado uma luminária de leitura para que um leitor pudesse enxergar.

Nera passou um pano úmido por baixo do papel na base. A maior parte do aviso se soltou como uma polpa cinzenta. Restaram quatro palavras: POR FAVOR DEIXEM ESTA. Ela se lembrou da mesa mais próxima da escada, onde um senhor costumava abrir diagramas de navios. Ele levava uma lupa pendurada em uma fita. Sempre que o responsável reorganizava os móveis, chegava cedo e punha a cadeira de volta sob a mesma luminária. Ela não conseguia lembrar seu nome.

Ao meio-dia, a casa de leilões ligou. Tinha encontrado um vidro igual? Tinha encontrado um parecido. Conseguiria fazer o conserto desaparecer? Isso levaria mais tempo. A mulher ao telefone disse que o comprador esperaria que a luminária estivesse completa. “Está completa”, disse Nera, olhando para o retângulo luminoso. A mulher esperou. Nera percebeu como suas palavras pouco ajudavam e prometeu enviar fotografias. Depois da ligação, pôs o vidro âmbar de reposição ao lado do remendo transparente.

Ela fotografou a cúpula à luz do dia e com a luminária acesa. Depois, a mariposa de bronze, o interruptor gasto e os restos do aviso. Na última imagem, colocou um livro aberto sob o trecho transparente. Enviou as fotos com duas opções de reparo e preços separados. Uma devolveria à

cúpula um âmbar uniforme. A outra manteria a janela transparente e firmaria o vidro ao redor. Esperava que escolhessem a primeira opção.

Na tarde seguinte, uma mulher com o casaco escurecido pela chuva chegou à oficina. Ela vira as fotografias antes de o catálogo ir para a gráfica. — Dá para colocar numa mesa comum? — perguntou. Nera mediu a base. — Numa resistente. A mulher olhou ao redor da oficina, depois para a cúpula. Disse que se chamava Davin e que havia comprado a antiga padaria da rua Bell. Seu apartamento ficaria no andar de cima. A sala de baixo ainda estava por decidir.

Nera imaginou outra loja impecável: objetos bem afastados uns dos outros, preços escritos em letras muito pequenas. Davin tirou as luvas molhadas. Queria uma mesa para as pessoas que esperavam enquanto ela consertava suas roupas. Às vezes vinham com crianças. Às vezes ficavam depois que o trabalho terminava, porque não tinham nenhum lugar aonde precisassem ir. Um vizinho havia oferecido livros, embora ela estivesse preocupada com a umidade. “Pensei que uma boa luz poderia transformar aquilo em uma sala”, disse.

— Você sabe que ela foi alterada? — perguntou Nera. Davin indicou o vidro liso com a cabeça. — Foi dessa parte que eu gostei. Pôs a mão sob a cúpula e a girou lentamente até que o remendo transparente ficasse voltado para a cadeira. Na palma da mulher, a luz revelou uma fileira de pequenos furos ao lado da unha do polegar. Nera tinha as mesmas marcas de costurar cabeceados quando a oficina ainda aceitava trabalhos de encadernação. Ela pegou o segundo orçamento.

O leilão foi na quinta-feira. Davin teve seu lance superado duas vezes e ficou ao telefone mais tempo do que pretendia. Na manhã seguinte, voltou sem o recibo da luminária. — Caro demais — disse. Nera se sentiu tola por ter imaginado a sala de baixo inteira. Juntas, olharam para uma simples luminária de trabalho de ferro pendurada sobre a bancada. Estava à venda, embora Nera nunca tivesse colocado uma etiqueta nela. Davin perguntou se iluminaria uma mesa. Nera a acendeu.

Quem comprou a luminária de bronze escolheu o âmbar uniforme. Nera retirou o remendo transparente, embrulhou-o em papel de seda e o incluiu com o reparo concluído, junto com uma nota explicando onde ele estivera. Preservou o contorno do aviso de papel em seu relatório de estado. Às quatro horas, o caixote estava fechado. A oficina parecia menor sem sua luminária de trabalho de ferro. Ela trabalhou sob uma lâmpada nua até a terça-feira seguinte.

Na terça-feira à tarde, foi a pé até Bell Street levando uma pequena caixa de livros. A vitrine da antiga padaria havia sido limpa, mas as letras pintadas continuavam acima da porta. Lá dentro, um menino fazia exercícios de aritmética sob a luminária de ferro. Duas mulheres separavam botões em pires. Davin tinha encontrado uma mesa com uma perna curta e dobrado um quadrado de papelão para pôr embaixo dela. Levantou os olhos de um casaco e pediu a Nera que segurasse a manga.

Por algum tempo trabalharam sem falar. O menino afastou seu caderno para abrir espaço para a caixa. Nera pensou na mariposa de bronze viajando para algum lugar que nunca veria e no vidro transparente embalado junto dela. Esperava que lessem a nota. Então Davin virou um pouco a luminária, trazendo a costura rasgada à vista. Nera passou a linha pela agulha. Lá fora, a luz que restava se esvaía das letras da padaria. Dentro, havia o suficiente.

Fim.

Deixe o livro ser usado

Em defesa da circulação

Imagine uma edição cujo dono tem medo de abrir. A encadernação é admirada, o estojo é mantido reto, os cantos continuam intactos. Os anos passam. O objeto sobreviveu, mas a experiência que ele foi feito para tornar possível foi adiada de tal forma que talvez nunca aconteça. Para uma edição comum de leitura, esse é um tipo peculiar de sucesso.

Um livro belo deve favorecer a atenção. Boas proporções podem tornar uma página menos cansativa de acompanhar. Uma ilustração pode amparar o leitor em um momento difícil. Uma capa pode fazer alguém pegar uma obra que, de outra forma, deixaria passar. Essas escolhas conquistam seu lugar no encontro com uma pessoa. Tratar cada sinal desse encontro como dano confunde a preservação de um objeto com a preservação do seu propósito.

Isso não é licença para o descuido. Empréstimo um livro a alguém que vai devolvê-lo. Mantenha o papel longe de uma janela molhada. Conserte uma articulação solta antes que a capa se desprenda. O cuidado torna possível continuar usando. O que merece resistência é a ideia de que só um exemplar intocado pode ser respeitado. Uma pergunta a lápis pode registrar mais atenção do que qualquer embalagem lacrada.

O caso mais difícil é o da escassez. Alguns exemplares carregam informações que não podem ser substituídas: uma anotação, um estado específico do texto, a intervenção de quem os fez. Esses precisam de outro padrão de cuidado. Mas a raridade deve ser comprovada, não encenada. Uma editora não precisa criar medo do uso em torno de toda edição atraente. Pode fazer um objeto com honestidade, explicar seus materiais e permitir que um leitor o habite.

No conto, a grande luminária viaja para outro lugar. A sala ainda ganha vida sob uma luz comum. Esse final importa porque uma boa experiência nem sempre pode esperar pelo objeto mais impressionante. Faça o objeto tão bem quanto a obra exigir. Depois, coloque-o ao alcance. Um livro que é aberto, discutido e emprestado começou a vida para a qual suas páginas foram reunidas.

Mantenha um exemplar fora de circulação

Em defesa da contenção

O convite a usar um objeto belo parece generoso até que quem o usa toma uma decisão irreversível por todos os que virão depois. Uma dobra alisada, uma etiqueta retirada ou um pedaço de vidro substituído podem tornar um objeto mais fácil de manusear e mais difícil de compreender. O prazer do dono atual é um interesse entre outros. Não deveria se tornar automaticamente a autoridade final.

Um livro carrega informações além das frases. A maneira como seus cadernos foram reunidos, a cor sob uma lombada desbotada e a pressão da mão de um antigo leitor podem revelar diferentes partes de sua história. Um exemplar de leitura pode preservar as palavras e perder esses detalhes. Dizer que um objeto cumpriu seu propósito porque alguém o apreciou é, portanto, limitado demais. Às vezes o propósito inclui continuar disponível para perguntas que ainda não aprendemos a fazer.

A contenção não exige colocar tudo atrás de um vidro. Exige escolher. Preserve um exemplar de referência quando o material justificar. Faça uma edição de leitura utilizável ao lado dele. Ofereça uma imagem clara ou uma transcrição quando o original não puder viajar com segurança. O acesso pode assumir mais de uma forma, e a mais imediata nem sempre é a mais generosa ao longo do tempo. Um leitor de hoje não deveria precisar destruir as evidências de outro leitor de amanhã.

Também existe um perigo em romantizar o desgaste. Uma mancha pode registrar um encontro, mas também pode registrar descuido. Uma anotação a lápis pode ser valiosa, banal ou até enganosa. As marcas não ganham significado apenas por serem antigas. Alguém precisa examiná-las, descrevê-las e aceitar o incômodo de deixar uma pergunta sem resposta. Esse trabalho lento raramente produz a fotografia de venda mais convincente.

O gesto útil de Nera é a nota que embala com a luminária. Ela não pode escolher seu destino. Pode manter uma peça descartada compreensível e registrar a alteração antes que desapareça de vista. Uso e preservação nem sempre estarão de acordo. Quando não estiverem, uma recusa deliberada a mudar algo pode ser um ato de hospitalidade para com uma pessoa que ainda não chegou.